

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES - 2

UM ACORDO

É nada mais



CAPÍTULO 1



Quando ficou claro para Vincent Hunt, visconde Darleigh, que, se permanecesse em casa até a primavera, com certeza estaria noivo ou mesmo casado antes da chegada do verão, ele fugiu. Fugiu de casa, uma situação um tanto ridícula e humilhante, uma vez que era o proprietário da residência e tinha quase 24 anos. Mas o fato era que tinha saído às pressas.

Levou consigo o valete, Martin Fisk, a carruagem de viagem e os cavalos, roupas e artigos de primeira necessidade suficientes para um ou dois meses – ou seis. Não sabia exatamente por quanto tempo ficaria fora. Depois de um instante de hesitação, decidiu levar o violino. Os amigos gostavam de fazer provocações sobre seus talentos e fingiam horror sempre que Vicent acomodava o instrumento sob o queixo, mas ele acreditava tocar razoavelmente bem. E, o mais importante, gostava. Tocar confortava sua alma, embora nunca tivesse confidenciado isso a ninguém. Flavian, sem dúvida, faria algum comentário sobre a forma com que o som estridente chegava a rachar todos os vidros das proximidades.

O maior problema de permanecer em casa era ser atormentado pela presença de um número excessivo de parentes do sexo feminino e de poucos do sexo masculino – e *nenhum* deles de personalidade forte. A avó e a mãe moravam com ele, e as três irmãs, embora casadas e com as próprias famílias e residências, faziam visitas frequentes, e normalmente longas demais. Não se passava um mês sem que pelo menos uma delas estivesse hospedada por alguns dias, por uma semana ou mais. Os cunhados, quando acompanhavam as esposas – o que não acontecia sempre –, mantinham-se diplomaticamente indiferentes aos assuntos relativos a Vincent e deixavam as

mulheres mandarem na vida do irmão, embora fosse digno de nota que nenhum deles permitia que as esposas mandassem *na deles*.

Tudo era compreensível, mesmo sob circunstâncias ordinárias, concluiu Vincent, com irritação. Afinal de contas, ele era o único neto, o único filho homem, o único irmão – e, ainda por cima, o *caçula* –, o que, de certa forma, justificava o fato de ser protegido, paparicado, de se preocuparem com ele e decidirem por ele. Apenas quatro anos antes, Vincent herdara o título e a fortuna de um tio forte e saudável, que tinha apenas 46 anos e era pai de um filho igualmente forte e saudável. Os dois tiveram mortes trágicas. A vida era frágil, assim como sua herança, a família de Vincent fazia questão de observar. Cabia a ele, portanto, providenciar um herdeiro e vários sucessores – tão depressa quanto humanamente possível. Era irrelevante que ainda fosse muito jovem e que nem ainda tivesse começado a pensar em casamento. Sua família sabia muito bem o que era viver em uma situação de pobreza.

Entretanto, as circunstâncias não eram nada ordinárias. Em consequência, os parentes o cercavam como um bando de galinhas determinadas a alimentar um único pintinho frágil e ao mesmo tempo evitar sufocá-lo. A mãe havia se mudado para Middlebury Park, em Gloucestershire, antes dele. Deixara tudo organizado para sua chegada. A avó materna tinha esperado o fim do contrato de aluguel da casa em Bath para se juntar à filha. E depois da mudança de Vincent, três anos antes, as irmãs passaram a considerar Middlebury o lugar mais fascinante do planeta. E Vincent não precisava se preocupar que os maridos estivessem se sentindo negligenciados, elas o garantiram. Os maridos *compreendiam*. A palavra era sempre pronunciada em tom solene.

Na verdade, quase tudo o que lhe diziam era pronunciado naquele mesmo tom, como se ele fosse uma espécie de criança muito querida, mas com sérias deficiências mentais.

Naquele ano, começaram a falar explicitamente sobre casamento. O casamento *dele*. Mesmo deixando de lado as questões sucessórias, o casamento lhe traria conforto e companheirismo, haviam decidido, além de diversos benefícios. Permitiria que todos ficassem tranquilos e despreocupados com relação a ele. Permitiria que a avó voltasse para sua vida em Bath, da qual sentia falta. E não seria nada difícil encontrar uma moça disposta ou mesmo ansiosa por se casar com ele. Ele não devia pensar o contrário. Tinha

título e riqueza, afinal de contas. E era jovem, bonito e encantador. Havia centenas de damas que *compreenderiam* e que ficariam até contentes em se casar com ele. Em pouco tempo aprenderiam a amá-lo por suas qualidades. Pelo menos, *uma* delas aprenderia, a sua escolhida. E elas, as mulheres da família, o ajudariam a fazer essa escolha, naturalmente. Não era preciso nem dizer, embora elas dissessem mesmo assim.

A campanha se iniciara na Páscoa, quando a família inteira estava em Middlebury, inclusive os cunhados e os sobrinhos. O próprio Vincent tinha acabado de retornar de Penderris Hall, em Cornwall, residência rural do duque de Stanbrook, onde passava algumas semanas todos os anos com outros integrantes do chamado Clube dos Sobreviventes, um grupo de ex-combatentes das Guerras Napoleônicas. Vincent estava se sentindo um tanto solitário, como sempre acontecia depois que se separava dos melhores amigos. Deixara as mulheres falarem sem prestar muita atenção ou talvez expor firmemente sua opinião.

Agora estava claro que fora um erro.

Apenas um mês depois da Páscoa, as irmãs, os cunhados e os sobrinhos voltaram todos, seguidos por hóspedes um ou dois dias depois. Ainda era primavera, uma época do ano estranha para se receber hóspedes, pois a temporada de festas em Londres estava a todo vapor. Mas não se tratava exatamente de um evento social, Vincent logo descobriu, pois os únicos convidados que não faziam parte da família eram o Sr. Geoffrey Dean, de Bath, filho da melhor amiga da avó, sua esposa e três filhas. Os dois filhos ficaram na escola. Duas das meninas também estavam em idade escolar – sua preceptora as acompanhava. A mais velha, porém, a Srta. Philippa Dean, tinha quase 19 anos e fizera a reverência à rainha poucas semanas antes e garantira parceiros para todas as danças em seu baile de apresentação à sociedade. Seu *début* fora bastante satisfatório.

Mas, depois de descrever os triunfos sociais da filha durante o chá, a Sra. Dean se apressou em dizer que não poderia ter resistido à possibilidade de passar algumas semanas tranquilas no campo, na companhia de velhos amigos.

Velhos amigos?

A situação logo ficou extremamente clara para Vincent, embora ninguém tivesse se dado o trabalho de lhe explicar. A Srta. Philippa Dean estava no mercado matrimonial, pronta para ser arrematada por quem desse

o melhor lance. Tinha irmãs mais jovens e dois irmãos que provavelmente desejavam entrar na universidade. Parecia improvável que os Deans tivessem grande riqueza. A visita deles se devia à clara compreensão de que em Middlebury havia um marido para a garota e de que ela voltaria para Londres com todas as distinções por ter ficado noiva menos de um mês após a apresentação à sociedade. Seria um triunfo singular, especialmente por garantir um marido com título e riqueza.

E que também era cego.

A Srta. Dean era uma verdadeira beleza, tinha o cabelo louro, os olhos verdes e uma silhueta esguia, descreveu a mãe. Não que a aparência importasse para ele. Ela lhe parecia uma garota doce e agradável.

Também soava bastante sensata quando conversava com todos, exceto com o próprio Vincent. Nos dias que se seguiram, no entanto, ela conversou com ele. Todas as outras mulheres da casa, com a possível exceção das três jovens sobrinhas de Vincent, faziam de tudo para juntar os dois e deixá-los a sós. Até um cego seria capaz de enxergar a situação.

Ela discorria sobre trivialidades numa voz delicada, mas um tanto ansiosa, como se estivesse à beira do leito de um doente que oscilava precariamente entre a vida e a morte. Sempre que Vincent tentava levar a conversa para algum assunto significativo, de forma a descobrir algo sobre seus interesses e opiniões, para desvendar algo sobre sua forma de pensar, ela invariavelmente concordava com tudo o que ele dizia, ao ponto do absurdo.

– Sou da firme opinião – disse ele numa tarde em que estavam sentados no jardim diante da casa, apesar do vento – de que o mundo científico há séculos mantém uma perversa conspiração contra as massas, Srta. Dean, para convencer-nos de que a Terra é redonda. É óbvio que é plana, não há como negar. Até um tolo pode ver. Se alguém caminhasse até a beirada do mundo, despencaria e nunca mais seria visto. Qual é a *sua* opinião?

Era indelicado. Era um pouco perverso.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes, enquanto Vincent torcia para ser contrariado. Ou para que risse dele. Ou para que o chamasse de idiota. A voz dela estava mais suave do que nunca, quando falou:

– Tenho certeza de que está certo, milorde.

“Que disparate”, ele quase exclamou, mas se conteve. Não acrescentaria crueldade à indelicadeza. Apenas sorriu e sentiu vergonha de si mesmo. Passou a falar sobre a intensidade do vento.

E, então, senti os dedos de uma das mãos dela sobre a manga de sua camisa e depois o perfume leve e floral, uma indicação de que Dean havia se aproximado. E ela falou de novo, com uma voz doce, apressada, ofegante.

– Não me importei nem um pouco em vir para cá, sabe, lorde Darleigh, mesmo estando ansiosa pela minha primeira temporada em Londres e ainda com a lembrança de que jamais me senti tão feliz quanto na noite de meu primeiro baile. Mas sei o bastante sobre a vida para compreender que minha vinda para cá não era *apenas* diversão. Mamãe e papai me explicaram sobre a oportunidade maravilhosa desse convite, tanto para mim quanto para minhas irmãs e meus irmãos. Não me importei em vir, de verdade. De fato, vim de bom grado. *Compreendo* e, sabe, *não me importo* nem um pouco.

Seus dedos apertaram o braço dele antes de soltá-lo.

– Talvez considere meu comportamento seja atrevido – acrescentou –, embora, normalmente, eu não seja tão sincera. Só achei que precisava saber que não me importo. Talvez receie que eu me importe.

Aquele foi um dos momentos mais constrangedores da vida de Vincent, além de quase insuportavelmente exasperador. Não que ele estivesse furioso com a moça, pobrezinha. Mas estava com os pais dela, assim como com sua avó, sua mãe e suas irmãs. Era bastante claro para ele que a Srta. Dean estava ali não apenas como uma jovem candidata a quem ele poderia conhecer melhor, com a possibilidade de aprofundar a relação no futuro, caso houvesse um interesse recíproco. Não, a moça viera na expectativa de ouvir um pedido de casamento antes de partir. A pressão vinha de seus pais, mas ela era uma filha obediente, ao que parecia, e aceitou a responsabilidade de irmã mais velha. Ela aceitaria se casar com ele, apesar de ele ser cego.

Era óbvio que ela se importava.

Estava irritado com a mãe e as irmãs por imaginarem que deficiência mental era um dos sintomas da cegueira. Sabia que elas queriam que ele se casasse logo. Sabia que tentariam lhe apresentar alguém. O que *não* sabia era que escolheriam uma noiva sem lhe dizer uma palavra, e então praticamente obrigá-lo a aceitar a escolha delas – ainda por cima em sua própria casa.

Sua casa, na verdade, não era sua – essa compreensão lhe veio como uma epifania. Nunca havia sido. De quem era a culpa seria discutido no futuro. Era tentador culpar os parentes, mas... Bem, teria de refletir sobre o assunto.

Tinha uma ligeira suspeita, porém, de que, se não estava no comando, a culpa era dele.

Por enquanto, encontrava-se numa situação impossível de resolver. Não sentia qualquer faísca de atração pela Srta. Dean, embora acreditasse que gostaria dela em circunstâncias diferentes. Estava claro que ela não sentia nada além da obrigação de se casar com ele. Não podia permitir que fossem coagidos a fazer algo que nenhum dos dois desejava.

Assim que entraram na casa – a Srta. Dean tomou o braço que lhe foi oferecido e passou a guiá-lo com delicadeza e firmeza, embora ele estivesse com a bengala e soubesse se movimentar perfeitamente sem a ajuda de ninguém –, Vincent foi para sua sala particular, o único lugar onde tinha certeza de que ficaria sozinho e de que poderia ser ele mesmo. Chamou Martin Fisk.

– Vamos sair – disse ele de forma abrupta, assim que o valete chegou.

– Vamos, milorde? – perguntou Martin, animado. – E que roupas serão necessárias para a ocasião?

– Precisaréi de tudo que couber no baú que costume levar para Penderis – respondeu Vincent. – Sem dúvida será capaz de decidir sozinho do que *você* precisa.

Um pequeno grunhido foi seguido por silêncio.

– Hoje estou me sentindo particularmente estúpido – disse Martin. – Seria melhor que me explicasse.

– Vamos sair – explicou Vincent. – Partir. Vamos nos afastar o máximo possível de Middlebury para escapar da perseguição. Escapular. Fugir. Seguir o caminho do covarde.

– A jovem não é adequada? – perguntou Martin.

Há! Até Martin sabia por que a garota viera.

– Não para ser uma esposa – respondeu. – Não para ser *minha* esposa, de qualquer maneira. Meu Deus, Martin, nem *quero* me casar. Não ainda. E se, e quando, quiser, eu mesmo escolherei a noiva. Com muito cuidado. E vou garantir que a escolhida aceite o pedido não apenas por *entender e não se importar*.

– Hum. Foi isso que a moça disse, não é?

– Com a maior delicadeza e doçura possíveis – disse Vincent. – Ela é *mesmo* doce e delicada. Está disposta a se sacrificar pelo bem da família.

– E para *onde* estamos fugindo? – perguntou Martin.

– Para qualquer lugar no planeta, menos aqui – respondeu Vincent. – Podemos partir hoje à noite? Sem que ninguém saiba?

– Cresci numa ferraria – Martin lembrou a Vincent. – Acho que consigo prender os cavalos na carruagem sem enredar as rédeas. Mas talvez não precise me arriscar a isso. Imagino que queira que Handry nos conduza? Trocarei algumas palavras com ele. Sabe como manter a boca fechada. Às duas da manhã, que tal? Virei para cuidar do baú e depois voltarei para ajudá-lo a se vestir. Estaremos na estrada antes das três.

– Perfeito – disse Vincent.

Já tinham percorrido quase 2 quilômetros na carruagem, quando Martin, no assento em frente ao de Vincent, de costas para os cavalos, informou que eram três horas.

Vincent recusava-se a se sentir culpado – mas, claro, consumia-se pela culpa. E pela convicção de que era o maior canalha e o maior covarde do mundo, além de ser o pior filho, irmão e neto. E o pior dos *cavalheiros*. Mas o que poderia ter feito além de se casar com a Srta. Philippa Dean ou de humilhá-la publicamente?

Mas ela não se sentiria igualmente humilhada ao descobrir a sua fuga?
Aaargh!

Decidiu acreditar que depois de um breve instante de humilhação, a moça viria a sentir um enorme alívio. Tinha certeza de que ficaria aliviada, aquela pobre garota.

Foram para Lake District, onde passaram três semanas felizes. Era considerada uma das regiões mais belas da Inglaterra, embora boa parte dessa beleza não pudesse ser apreciada por um cego. Mas havia trilhas para caminhar, muitas margeando o lago Windermere ou algum dos lagos menores. Havia colinas para escalar, algumas exigindo esforço extenuante – e ventos fortes e ar mais rarefeito como “recompensa” quando chegavam às altitudes mais elevadas. Havia sol e chuva, frio e calor, toda a maravilhosa variedade do clima da Inglaterra e do campo. Fizeram um passeio de barco, em que ele pôde remar sozinho, e cavalgadas – com Martin a seu lado, mas sem tocá-lo. Houve inclusive um glorioso galope num terreno que, de acordo com a avaliação cuidadosa de Martin, não tinha descidas súbitas nem buracos inesperados. Havia o canto dos pássaros, o zumbido dos insetos, o balir das ovelhas e o mugido do gado. Havia milhares de aromas, em especial o perfume da urze, que, antes, no tempo em que conseguia enxergar,

lhe passava despercebido. Havia momentos para sentar e meditar, ou para simplesmente exercitar os quatro sentidos que ainda lhe restavam. Havia os exercícios habituais para fortalecer o corpo, executados diariamente, muitos deles ao ar livre.

Havia paz.

E, no final das contas, inquietação.

Escrevera duas cartas – na verdade, Martin o fizera –, a primeira dois dias depois de ter partido, para explicar que precisava de algum tempo a sós e que estava em perfeita segurança na companhia de seu competente valete. Não deu detalhes sobre onde se encontrava e para onde ia. Avisou à mãe que não o esperasse por um mês ou mais. Confirmou tudo na segunda carta e garantiu que estava em segurança, feliz e gozando de boa saúde.

A Srta. Dean, os pais e as irmãs talvez já tivessem voltado para Londres a tempo de garantir à jovem um marido adequado antes do fim da temporada. Vincent esperava que ela conseguisse alguém que preenchesse tanto as demandas do dever quanto aquelas de suas inclinações pessoais. Desejava que isso acontecesse, com toda sinceridade, tanto para o bem da jovem quanto para aliviar a própria consciência.

Podia voltar para casa, decidiu enfim. Os Deans provavelmente já tinham partido havia muito tempo. Assim como suas três irmãs. Teria uma conversa franca com a mãe e a avó. Já estava na hora. Ele as faria entender que se sentia mais do que feliz em tê-las em Middlebury, onde podia garantir que estavam confortáveis e em segurança. E que também ficaria igualmente feliz caso desajassem se mudar para Bath. A escolha era delas, mas as duas não deviam se sentir obrigadas a permanecer ali por causa dele. Não precisava delas, explicaria da forma mais diplomática possível. Não precisava da assistência de nenhuma das duas em sua vida cotidiana. Martin e seus outros bons empregados eram perfeitamente capazes de cuidar de suas necessidades. Também não precisava de ajuda para encontrar uma noiva que tornasse sua vida mais confortável. Ele mesmo encontraria uma quando julgasse conveniente.

Não seria fácil fazer a mãe aceitar o que diria. Ela havia se dedicado a aprender a ser a dona de uma grande propriedade e tinha obtido imenso sucesso na tarefa. Sucesso até demais, na realidade. Quando Vincent chegou em Middlebury, um ano depois dela, sentiu-se um menininho que volta da escola para ficar sob os cuidados da mãe. E por vê-la confortável no novo papel e se sentir atordoado – e até oprimido – com a nova casa e

a nova vida, ele não fizera logo de início esforço suficiente para reivindicar seus direitos como homem da casa.

Afinal de contas, tinha apenas 20 anos na época.

Considerou voltar para a Cornualha e ficar um tempo com George Crabbe, duque de Stanbrook. Estivera lá em março – e também durante alguns anos depois do retorno da Península, onde perdera a visão na batalha. George era seu melhor amigo. Mas, embora não tivesse dúvida de que seria acolhido pelo duque pelo tempo que quisesse, Vincent não o usaria como muleta emocional. Não faria isso de novo. Aqueles dias, aquelas carências, haviam ficado no passado.

Seus anos de dependência estavam no passado. Era tempo de crescer e assumir o controle. Não seria fácil. Mas já fazia muito tempo que percebera que devia tratar a cegueira como um desafio, não como uma deficiência, se quisesse ter uma vida feliz e realizada.

Mais cedo ou mais tarde, teria de retornar a Middlebury Park e recomeçar. No entanto, ainda não se sentia pronto. Tinha passado muito tempo refletindo em Lake District, e precisava refletir ainda mais para não voltar e simplesmente retomar a velha rotina, da qual nunca seria capaz de escapar.

Mas já estava cansado de Lake District. Estava agitado.

Para onde poderia ir além de voltar para casa?

A resposta veio com surpreendente facilidade.

Claro. Iria... *para casa*.

Middlebury Park era o lugar onde vivera nos últimos três anos, a monumental propriedade que herdara com o título e na qual nunca havia entrado até então. Era grandiosa, imponente, e ele gostava dela. Estava determinado a se estabelecer ali e transformá-la em lar. Mas ainda não o era exatamente. Seu lar era a Casa Covington, onde fora criado, uma construção bem mais modesta, pouco maior que um chalé, na periferia do vilarejo de Barton Coombs, em Somerset.

Não visitava Barton Coombs fazia quase seis anos, desde que partira para a guerra. Naquele momento, sentiu um súbito desejo de voltar, embora soubesse que não iria vê-la. Havia muitas lembranças alegres. A infância e a juventude foram tempos felizes, apesar de viverem à margem da pobreza mesmo antes da morte de seu pai, quando Vincent tinha 15 anos.

– Vamos para casa – anunciou para Martin certo dia, depois do café da manhã. Podia ouvir o barulho da chuva batendo contra o vidro das janelas

do pequeno chalé em Windermere que alugara por um mês. – Mas não para Middlebury Park. Vamos para Barton Coombs.

– Humm – fez Martin em tom reservado, enquanto retirava os pratos da mesa.

– Você vai ficar contente? – perguntou Vincent.

Martin também era de Barton Coombs. Seu pai era o ferreiro do vilarejo. Os dois frequentaram juntos a escola, pois a família de Vincent não tinha dinheiro para pagar uma instrução particular para o garoto, apesar de, segundo a hierarquia social, ele ser um cavalheiro. O sonho do ferreiro era de que o filho soubesse ler e escrever. Vincent e as irmãs tinham aulas com o próprio pai, que era o professor da escola local. Vincent estava sempre brincando com Martin. Na verdade, as crianças da vizinhança brincavam juntas, a despeito de posição social, condições financeiras, gênero ou idade. Eram tempos idílicos.

Quando Vincent tinha 17 anos, o irmão de sua mãe, um homem muito bem de vida, voltou de uma longa temporada no Extremo Oriente e adquiriu um posto de oficial de Exército para o sobrinho. Ao saber da novidade, Martin foi até a Casa Covington, apertando o chapéu nas mãos, e perguntou se poderia ir junto, como ordenança de Vincent. No final das contas, o posto não durou muito. Vincent perdeu a visão na primeira batalha. Mas Martin permaneceu ao lado dele como criado mesmo nos primeiros anos em que Vincent não tinha como pagar. Recusara-se teimosamente a ir embora.

– Mamãe vai ficar feliz em me ver – disse Martin. – Papai também, embora com certeza vá resmungar para a bigorna que seu único filho escolheu ser um valete.

E então partiram.

Passaram a última noite viajando, mesmo exaustos, e chegaram à Casa Covington no alvorecer – como Martin lhe informara. Mas Vincent sabia disso por si só assim que a carruagem parasse e a porta se abrisse. Podia ouvir pássaros cantando com aquela sonoridade estridente característica do período antes do amanhecer. E o ar provocava uma sensação revigorante que sugeria o fim da noite, mas não exatamente o início do dia.

Não havia necessidade de manter segredo, a não ser pelo fato de Vincent preferir que ninguém soubesse que ele se encontrava na Casa Covington, pelo menos por um tempo. Não queria se transformar numa curiosidade para velhos amigos e vizinhos. Não queria que peregrinassem até a sua por-

ta para cumprimentá-lo e saber como era um homem cego. E não queria que ninguém escrevesse para sua mãe, fazendo com que ela viesse correndo cuidar dele. E, de qualquer forma, provavelmente não ficaria por muitos dias. Só precisava de tempo para organizar os pensamentos.

Era costume manter uma cópia da chave sobre o portal, no interior do galpão de jardinagem atrás da casa. Vincent mandou Handry verificar se ela ainda estava lá. Se não estivesse, Martin entraria pela janela da adega. Dificilmente alguém teria pensado em consertar a tranca que estivera quebrada durante toda a infância de Vincent nos últimos seis anos. Na verdade, era como fazia para sair e entrar da casa no meio da noite.

Handry voltou com a chave. Parecia meio enferrujada, ele relatou, mas entrou na fechadura da porta da frente e virou com um rangido. Depois de alguma insistência. A porta abriu.

A casa não estava com cheiro de mofo nem abafada, embora tivesse permanecido tanto tempo fechada. Ele pagava por uma faxina quinzenal, que parecia ser realizada de forma cuidadosa. *Havia* um cheiro, porém, de algo indefinível que despertava lembranças da infância, da mãe e das irmãs quando viviam ali. Até lembranças distantes do pai. Era estranho que ele nunca tivesse reparado no cheiro quando morava ali – talvez porque não precisasse reparar em cheiros naqueles tempos.

Andou pelo saguão com a ajuda da bengala. A velha mesa de carvalho, coberta por um tecido de linho, continuava no mesmo lugar, em frente à porta, ao lado do porta guarda-chuvas, também sob um tecido.

– Conheço esta casa como a palma de minha mão – disse ele a Martin, tirando o tecido do porta guarda-chuvas, onde guardou sua bengala. – Vou explorá-la sozinho. E depois me deitar no meu quarto por uma ou duas horas. As carruagens não foram planejadas para garantir um bom sono, não é mesmo?

– Não quando elas têm que percorrer estradas inglesas – concordou Martin –, e não conheço outra alternativa. Vou ajudar Handry com os cavalos. Depois trago suas malas.

Algo de que Vincent particularmente gostava em Martin Fisk era o fato de ele cuidar de todas as suas necessidades sem alvoroço. O melhor de tudo era que não ficava *rodeando*. Se Vincent, por vezes, dava de cara com uma parede ou uma porta ou tropeçava em algum objeto deixado no caminho ou de vez em quando se desequilibrava num lance de escadas ou – em uma

ocasião memorável – mergulhava de cabeça num lago de nenúfares, Martin estaria lá para cuidar dos cortes, arranhões e de outras variadas sequelas e também para fazer comentários apropriados e inapropriados, sem qualquer tipo de emoção na voz.

Às vezes dizia ao patrão que ele era um cabeça-dura desajeitado.

Era melhor – ah, infinitamente melhor – do que a solicitude com que quase todos os conhecidos o sufocavam.

Era um ingrato miserável, ele sabia.

Seus companheiros do Clube dos Sobreviventes tratavam-no de um modo bem semelhante ao de Martin. Era um dos motivos que o levavam a amar tanto as temporadas anuais em Penderris Hall. Os sete tinham sofrido terríveis ferimentos durante a guerra e ainda carregavam as cicatrizes internas ou externas, ou ambas, e por isso compreendiam bem as frustrações decorrentes do excesso de zelo.

Quando ficou sozinho, encontrou a sala de estar à esquerda, o cômodo em que toda a rotina diurna se desenrolava. Tudo estava exatamente como lembrava e *onde* lembrava, a não ser pelos panos cobrindo a mobília. Seguiu para o salão, maior e menos usado do que o outro aposento. De vez em quando havia danças ali. Oito casais conseguiam executar uma quadrilha com algum conforto, dez, com menos conforto, doze, bem apertados.

Havia um piano. Vincent foi até ele. Como todo o resto, estava escondido sob um tecido. Teve vontade de puxá-lo, levantar a tampa do teclado e tocar. Mas o instrumento devia estar terrivelmente desafinado.

Era estranho que, quando garoto, não tenha aprendido a tocar. Ninguém chegou a pensar em sugerir. Piano era coisa de menina, um instrumento de tortura destinado especialmente a elas – como Amy, sua irmã mais velha, sempre declarava.

Naquele momento, naquela casa, sentiu falta das três, por mais estranho que pudesse parecer. E da mãe. Até mesmo do pai, que os deixara havia oito anos. Sentia falta daqueles dias despreocupados da infância e da juventude. E nem fazia tanto tempo assim. Tinha apenas 23 anos.

Vinte e três que daqui a pouco seriam 50.

Ou 70.

Suspirou e decidiu deixar o pano onde estava. Mas ali, próximo ao piano, as mãos sobre o instrumento, a cabeça curvada, foi subitamente tomado por uma gigantesca e familiar onda de pânico.

Sentiu o sangue se esvaír da cabeça, deixando-a fria e úmida. Sentiu o ar frio em suas narinas, e tão rarefeito que não parecia possível inspirar. Sentiu todo o terror da escuridão sem fim, de saber que se fechasse os olhos, como fazia naquele momento, e os reabrisse, como *não fez*, ainda estaria cego.

Para todo o sempre.

Sem alento.

Sem luz.

Nunca mais.

Lutou para controlar a respiração, sabendo, devido à experiência, que, se perdesse o controle, logo estaria ofegante, com falta de ar, até perder a consciência, para recuperar-se do desmaio sozinho ou talvez – muito pior – com alguém ao seu lado. Mas ainda cego.

Manteve os olhos fechados. Contou as respirações mais uma vez, tentando concentrar-se nelas e afastar os pensamentos que fervilhavam em sua mente.

Inspirar. Expirar.

Depois de algum tempo, abriu os olhos e relaxou as mãos no piano. Ergueu a cabeça. Por nada no mundo permitiria que a escuridão tomasse conta de seu interior, pensou. Já bastava que estivesse ao seu redor o tempo todo. Sua própria estupidez na batalha trouxera a escuridão externa. Não acrescentaria à loucura juvenil permitindo que a luz de dentro dele se extinguísse.

Viveria sua vida. E a viveria plenamente. Faria algo de sua vida e de si mesmo. Não se renderia à depressão ou ao desespero.

Por Deus, *não se renderia*.

Estava desesperadamente cansado. Esse era o problema, supôs, e seria fácil resolvê-lo. Sentiria-se melhor depois de dormir um pouco. Continuaría a explorar a casa mais tarde.

Encontrou a escada sem dificuldade. E a subiu sem incidentes. Encontrou o quarto sem precisar tatear a parede. Tinha feito a mesma coisa na escuridão numerosas vezes ao escapulir de casa e voltar antes do amanhecer.

Virou a maçaneta e entrou. Esperava que ao menos houvesse cobertores na cama. Estava cansado demais para se preocupar com lençóis. Quando chegou à cama, descobriu que tinha sido feita como se esperassem por ele – e se lembrou da mãe contando que instruíra os empregados

dos a manterem a casa sempre preparada para a chegada inesperada de alguém da família.

Tirou o casaco, as botinas, a gravata e deitou-se suavemente entre os lençóis. Sentiu que poderia dormir durante uma semana.

Talvez passasse uma semana ali, naquele ambiente dolorosamente familiar, sozinho e tranquilo, sem o peso de outra companhia além da de Martin. Deveria ser tempo suficiente para botar a cabeça no lugar e voltar a Middlebury Park para *viver*, não simplesmente ficar à deriva.

Dera instruções para que a carruagem fosse escondida sem demora. Dissera a Martin que contasse que viera sozinho para visitar os pais na ferraria e que seu patrão lhe dera permissão para se hospedar na Casa Covington. Na verdade, Martin só precisava contar a uma pessoa e em uma hora todo mundo saberia.

Ninguém saberia que *ele* também estava.

Tudo parecia perfeito.

Adormeceu antes que pudesse desfrutar devidamente aquela sensação.

CAPÍTULO 2



A chegada de Vincent, no entanto, não tinha passado despercebida. A Casa Covington era a última construção no fim da rua principal, que atravessava o vilarejo. Do outro lado, havia uma pequena colina coberta de árvores. E na colina, entre as árvores, havia uma jovem. Ela costumava vagar a qualquer hora do dia pelas terras que cercavam Barton Hall, onde morava com os tios, sir Clarence e lady March, embora não costumasse sair tão cedo. Mas naquela manhã acordara quando ainda estava escuro, e não fora capaz de conciliar o sono novamente. Pela janela aberta ouvia o canto estridente de um pássaro, que, obviamente, não percebera que ainda não havia amanhecido. Em vez de fechar a janela e voltar para a cama, se vestiu e saiu, embora estivesse muito frio, pois havia algo de raro e belo em observar a escuridão se desfazer em um novo alvorecer. E ela fora até lá porque nas árvores moravam dezenas, talvez centenas, de pássaros, a maioria com vozes mais doces do que aquela que a despertara. E as aves costumavam cantar com mais emoção quando anunciavam a chegada de um novo dia.

Ficou bem parada para não perturbá-los, as costas apoiadas no tronco robusto de uma faia e os braços para trás, para desfrutar da textura áspera apesar das luvas finas – tão finas, na verdade, que o polegar esquerdo e o indicador direito já estavam puídos. Ela absorveu a beleza e a paz dos arredores e ignorou o frio que atravessava sua capa surrada como se o tecido nem existisse e deixava seus dedos dormentes.

Olhou para a Casa Covington, sua construção preferida em Barton Coombs. Não era nem uma mansão nem um chalé. Nem mesmo um solar. Mas era grande, quadrada, sólida. Já estava vazia quando chegou, dois anos antes. Ainda pertencia à família Hunt, sobre a qual ouvira muitas histórias,

talvez porque Vincent Hunt, o filho único, tivesse herdado um título e uma fortuna de forma inesperada havia alguns anos. Era o cenário perfeito dos contos de fada, exceto por um elemento de tristeza, como havia em tantas histórias.

Gostava de observar a casa e imaginar como deveria ser quando a família Hunt morava ali – o professor distraído, mas adorado por todos, a esposa atarefada, as três lindas filhas e o filho travesso, alegre e atlético, sempre o melhor em qualquer esporte que praticava, sempre metido em travessuras, adorado pelos velhos e pelos jovens – a não ser pelos Marches, a quem dirigia a maioria de suas traquinagens. Gostava de imaginar que, se morasse ali naquela época, teria sido amiga das meninas e até de seu irmão, embora fossem todos mais velhos que ela. Gostava de se imaginar correndo, entrando e saindo da Casa Covington sem sequer bater na porta, quase como se fosse da família. Gostava de imaginar que teria frequentado a escola do vilarejo como todas as crianças, exceto Henrietta March, sua prima, que fora educada em casa por uma preceptora francesa.

Seu nome, embora raramente usado era Sophia Fry. Era chamada pelos parentes – quando se davam o trabalho de reconhecer sua presença –, e talvez pelos criados, de Ratinha. Residia em Barton Hall a contragosto, pois não tinha mais para onde ir. O pai morrera. A mãe os abandonara muito tempo atrás e depois também havia morrido. O irmão de seu pai, sir Terrence Fry, nunca procurou manter qualquer contato com ela. A outra tia – irmã mais velha do pai –, com quem Sophia fora viver logo depois da morte do pai, falecera havia dois anos.

Às vezes imaginava morar numa espécie de terra de ninguém entre a família de Barton Hall e os criados, sem pertencer a nenhum dos dois grupos nem receber qualquer atenção ou cuidado. Consolava-se com o fato de que sua invisibilidade lhe dava, ao menos, alguma liberdade. Henrietta estava sempre cercada por criadas, damas de companhia e pais vigilantes, cuja única ambição era encontrar um cavalheiro com um título para casar com a filha, de preferência rico – embora esta não fosse uma prioridade, pois sir Clarence era ele próprio um homem de posses. Henrietta compartilhava a ambição dos pais, com uma notável exceção.

Os devaneios de Sophia foram interrompidos pelo som de cavalos se aproximando. Vinham do lado de fora do vilarejo e parecia evidente que puxavam alguma espécie de carruagem. Era cedo demais para alguém

viajar. Uma diligência, talvez? Postou-se atrás do tronco da árvore e ficou meio escondida, embora dificilmente pudesse ser vista lá de baixo. A capa era cinza, a touca de algodão não chamava atenção nem pelo modelo nem pela cor e a luz do dia ainda não havia se mostrado por completo.

Viu que era uma carruagem particular muito elegante. Mas, antes que atravessasse o vilarejo e desaparecesse, antes mesmo que a imaginação de Sophia criasse alguma história, o veículo diminuiu o ritmo e entrou no caminho para Covington Hall. Parou diante da porta da frente.

Ela arregalou os olhos. Seria possível...?

O cocheiro saltou do veículo, abriu a porta da carruagem e abaixou os degraus. Um homem desceu quase no mesmo instante, jovem, alto e um tanto robusto. Olhou em volta e disse alguma coisa para o cocheiro – Sophia ouviu a voz grossa, mas não distinguiu o que dizia. Depois, os dois se viraram para observar outro homem.

Ele desceu sem ajuda. Andava com segurança, sem hesitação. Contudo, ficou imediatamente claro para Sophia que a bengala não era apenas um acessório da moda, mas algo que usava para se guiar.

Respirou fundo e esperou, tolamente, que os homens, a alguma distância, não a ouvissem. Ele realmente viera, como todos disseram.

O cego visconde Darleigh, outrora Vincent Hunt, voltara para casa.

Os tios ficariam em estado de graça, pois haviam decidido que, se e quando Vincent viesse, Henrietta se casaria com ele.

Henrietta, por outro lado, *não* ficaria em estado de graça. Pela primeira vez na vida ela se opusera aos desejos dos pais. Havia declarado mais de uma vez, ao alcance do ouvido de Sophia, que preferia morrer solteirona aos 80 anos a se casar com um cego de rosto desfigurado, mesmo que fosse um *visconde* e bem mais *rico* que o pai.

O visconde Darleigh – Sophia estava convencida de que o recém-chegado devia ser ele – era visivelmente jovem. Embora não fosse muito alto, tinha o porte esguio e gracioso. Movia-se com destreza. Não se apoiava na bengala nem agitava a outra mão no ar. Vestia-se com elegância e asseio. Os lábios de Sophia entreabriram-se enquanto o observava. Pensou em quanto do antigo Vincent Hunt ainda estava presente no cego visconde Darleigh. Havia descido da carruagem sem ajuda. Aquilo a agradou.

Não conseguiu ver seu rosto, pois a aba do chapéu o escondia. Pobre cavalheiro. Imaginou o quanto teria ficado desfigurado.

Ele e o homem robusto permaneceram na entrada da casa; o cocheiro saiu em direção aos fundos e voltou com o que devia ser uma chave, pois se curvou diante da fechadura da porta da frente, que abriu segundos depois. O visconde Darleigh subiu os degraus diante da porta, novamente sem auxílio, e desapareceu no interior da casa, seguido pelo homem mais forte.

Sophia continuou a observar por mais alguns minutos, mas não havia nada para ver além do cocheiro conduzindo os cavalos e a carruagem para o estábulo e a garagem. Ela se virou e seguiu na direção de Barton Hall. Depois de tanto tempo parada, seu corpo estava completamente gelado.

Não contaria a ninguém sobre a chegada do visconde, decidiu. De qualquer maneira, ninguém falava com ela nem esperava que ela oferecesse alguma informação ou opinião. Sem dúvida, todos logo ficariam sabendo.



Para acabar com a esperança de Vincent de uma estadia tranquila na Casa Covington, Sophia Fry não fora a única pessoa a ver sua chegada.

Um trabalhador, que estava indo ordenhar as vacas, teve a incrível boa sorte – da qual se gabaria aos colegas durante dias – de testemunhar a chegada da carruagem do visconde Darleigh à Casa Covington. Deixara as vacas esperando para assistir ao antigo Vincent Hunt descer do veículo depois de Martin Fisk, o filho do ferreiro. Às sete da manhã, depois de voltar correndo para casa com esse único objetivo, ele já havia contado para a esposa, para o filho ainda bebê – profundamente desinteressado em notícia tão importante –, para os colegas de trabalho, para o ferreiro e sua esposa e para o Sr. Kerry, que visitara o ferreiro bem cedo porque um de seus cavalos tinha perdido uma ferradura na noite anterior.

Às oito, os trabalhadores – e a esposa do primeiro – já tinham dado a notícia a todos os conhecidos, ou pelo menos àqueles que pertenciam a essa categoria e estavam ao alcance da voz. O Sr. Kerry contou para o açougueiro, para o vigário e para a mãe idosa. A mulher do ferreiro, em êxtase pelo fato de o filho ter voltado para casa no posto de valete do visconde Darleigh, o antigo Vincent Hunt, foi correndo reabastecer o estoque de farinha e contou ao padeiro e seus dois assistentes, além de três fregueses. E o ferreiro, também transbordando de orgulho, apesar de falar com desânimo do filho, o *valete*, contou para o aprendiz, que chegou atrasado ao trabalho

e, dessa vez, não precisou recitar uma ladainha de desculpas. E contou para o cavaleiro de sir Clarence March e para o vigário, que ouviu a mesma notícia duas vezes em um intervalo de quinze minutos, mas pareceu igualmente eufórico nas duas ocasiões.

Às nove horas, seria difícil encontrar uma única pessoa em Barton Coombs ou num raio de 5 quilômetros que *não* soubesse que o visconde Darleigh, o ex-Vincent Hunt, havia chegado à Casa Covington no despontar do alvorecer e não havia partido desde então.

Provavelmente viajara a noite inteira e estava desfrutando de um merecido repouso, pobre cavaleiro, foi a observação da Srta. Waddell para a Sra. Parsons, esposa do vigário, quando as duas se encontraram na cerca-viva que separava os fundos de seus jardins. Não seria de bom tom visitá-lo cedo demais. Ela informaria ao comitê de recepção. Pobre e querido cavaleiro.

O vigário ensaiou um discurso de boas-vindas e se perguntou se estaria excessivamente formal. Afinal, o visconde Darleigh tinha sido o filho alegre e travesso do professor do vilarejo. Era, além disso, um herói de guerra que agora tinha um título muito importante. Melhor pecar por excesso de formalidade do que correr o risco de parecer desrespeitoso, decidiu.

A Sra. Fisk assou os pães e os bolos que planejava fazer havia muitas semanas. Seu *filho*, seu amado e único filho, estava de volta, sem falar no visconde Darleigh, aquele garoto alegre e cheio de energia que costumava andar por aí com Martin e arrastá-lo para todo tipo de encrenca – não que Martin precisasse ser convencido. Pobre garoto. Pobre cavaleiro. Ela fungou e secou uma lágrima com o dorso da mão coberta de farinha.

Às dez horas, as jovens Srtas. Grangers visitaram a igualmente jovem Srta. Hamilton para descobrir o que ela planejava vestir na recepção que certamente haveria pela chegada de lorde Darleigh. As três passaram então a trocar reminiscências sobre o Vincent Hunt que ganhava todas as corridas no festival anual do vilarejo com mais de um quilômetro de vantagem e que, no críquete, tirava de jogo todos os integrantes do time adversário que tinham a coragem e audácia de desafiá-lo. Aquele tão atraente, com seus cachos sempre longos e louros e olhos azuis, muito azuis, e físico esguio. Sempre com aquele lindo sorriso nos lábios, até para *elas*, embora fossem apenas garotinhas na época. Ele sempre sorria para *todas*.

A última lembrança provocou lágrimas nas três, pois o visconde Darleigh não voltaria a ganhar uma corrida ou um jogo de críquete, tampouco

era atraente – talvez nem sorrisse mais para ninguém. Talvez nem fosse capaz de dançar na recepção. Não conseguiam conceber destino pior.

Vincent teria ficado horrorizado em saber que, na verdade, sua chegada a Barton Coombs era na verdade esperada. *Esperada* talvez fosse uma palavra forte, mas sua visita era antecipada com esperança e cautela.

Pois Vincent havia esquecido dois fatos extremamente significativos a respeito da mãe e das irmãs. Em primeiro lugar, eram correspondentes inveteradas. Em segundo, tinham numerosos amigos em Barton Coombs, os quais não abandonaram depois de se mudarem. Não era possível visitá-los diariamente, como no passado, mas podiam lhe escrever, e era o que faziam.

Sua mãe não se sentiu reconfortada pelos dois bilhetes recebidos, rabiscados na letra pouco elegante de Martin Fisk. Não se conformou em esperar pela volta do filho. Pelo contrário, fez tudo que estava em seu poder para descobrir o paradeiro do rapaz. A maioria de seus palpites estava bem distante da realidade. Mas um deles era que Vincent talvez fosse para Barton Coombs, onde crescera e fora feliz, onde tinha tantos amigos e tantos bons relacionamentos, onde se sentiria confortável e valorizado. De fato, quanto mais pensava no assunto, mais se convencia de que se já não estivesse por lá, mais cedo ou mais tarde chegaria.

Ela escreveu cartas. Sempre escrevia cartas, aliás. Era algo natural.

E Amy, Ellen e Ursula também escreveram cartas, embora não estivessem tão convencidas quanto a mãe sobre a ida de Vincent a Barton Coombs. Era mais provável que voltasse à Cornualha, onde sempre parecia estar tão feliz. Ou talvez fosse para a Escócia ou para Lake District, qualquer lugar onde pudesse se manter longe de suas garras casamenteiras. As três irmãs de Vincent se arrenpendiam da forma agressiva com que haviam tentado lhe empurrar a Srta. Dean. Obviamente, ela não era para ele – nem ele para ela. Não lhes passou despercebido que, em vez de mostrar-se mortificada ao descobrir a partida de Vincent, a Srta. Dean aparentou fazer um grande esforço para não se revelar aliviada.

Enfim, muito antes de Vincent por os pés em Barton Coombs, não havia uma pessoa no vilarejo que não estivesse quase certa de que ele viria. A única questão que provocava verdadeira ansiedade era *quando*.



Henrietta March era a mais notável exceção ao entusiasmo generalizado. Estava apavorada.

– *Vincent Hunt?* – exclamou.

– O visconde Darleigh, meu amor – lembrou-lhe a mãe.

– De Middlebury Park, em Gloucestershire – acrescentou o pai. – Aquele cuja renda é de 20 mil por ano, segundo uma estimativa conservadora.

– E dois olhos que não enxergam e um rosto deformado – retorquiu Henrietta. – Eca!

– Você não teria que ficar olhando para ele – disse-lhe o pai. – Middlebury Park é grande o bastante, pelo que ouvi dizer. Bem maior que aqui. E, como uma viscondessa elegante, você teria que passar temporadas em Londres. É o que seria esperado de você. Ele dificilmente teria condições de acompanhá-la. E você viria para cá visitar seus pais. Ele não iria querer vir com muita frequência e ter que se sujeitar àquela Waddell, para não falar do vigário e todos os bajuladores que moram nas redondezas.

Sentada num canto do outro lado da sala, cerzindo capas de travesseiro, a Ratinha lançou um olhar imprudente e reprovador na direção do tio. Bajuladores? *Outras* pessoas? O tio não andava se olhando no espelho? Mas abaixou a cabeça antes que ele percebesse. Com certeza, não queria ser flagrada o encarando, em especial com ar de incredulidade. Além do mais, precisava olhar para o trabalho em suas mãos.

Não se importava particularmente em ser a Ratinha num canto da casa. Cultivara a invisibilidade pela maior parte da vida. Quando a mãe ainda morava com ela e o pai, época da qual restavam apenas vagas lembranças, havia discussões e até mesmo brigas, dia e noite, que a levavam a se recolher no canto mais mal iluminado de qualquer que fosse o cômodo que a família ocupasse na ocasião. Depois que a mãe partiu para nunca mais voltar, quando Sophia tinha 5 anos, ela procurava manter distância do pai se ele chegava em casa embriagado, embora nunca tivesse sido um homem violento e isso não acontecesse com muita frequência. Era mais comum que se escondesse de seus amigos tempestuosos, que apareciam para beber e jogar, em vez de ir para outro lugar. Tinham a mania de acariciá-la debaixo do queixo e sacudi-la pelos joelhos – e ela sempre parecera mais jovem do que era. E também precisara se esconder dos senhorios quando tinham que escapular de outro dos muitos quartos de aluguel com pagamento atrasado, e dos vendedores que vinham cobrar diversos débitos. Na verdade,

tinha passado a maior parte da infância tentando ser invisível e silenciosa para que ninguém a notasse.

Seu pai, filho caçula de um baronete, era um daqueles cavalheiros a quem sobravam boa aparência, charme e até inteligência. Ele mesmo a ensinou a ler, a escrever e a fazer contas – mas não tinha capacidade alguma para lidar com a vida. Seus sonhos sempre foram imensos como o oceano, mas sonhos não eram a realidade. Sonhos não garantiam um teto permanente sobre suas cabeças nem alimento suficiente para encher barriga.

Sophia o adorava, apesar das ocasionais bebedeiras.

Ficara satisfeita em ser considerada invisível pela tia Mary, irmã mais velha do pai, com quem foi morar aos 15 anos, depois que ele morreu. Assim que chegara, a tia a examinara da cabeça aos pés com um olhar de desdém e a declarara um caso perdido. Passou a tratá-la de acordo com esse julgamento. Em outras palavras, praticamente a ignorava. Mas pelo menos permitiu que ficasse e a supria com suas necessidades básicas.

Ser ignorada na verdade era melhor do que ser notada – era o que a experiência a ensinara durante aqueles anos com tia Mary. Pois a única amizade de que desfrutou, o único romance que mexeu com seu coração, fora breve e intenso, e, no fim, a deixou arrasada.

Tia Mary morreu de repente, três anos depois de Sophia ter chegado à sua casa, e a garota foi morar com a tia Martha, que nunca fingiu a considerar nada além de uma criada que precisava ser tolerada na mesa de jantar com a família quando estavam em casa. Tia Martha muito raramente a chamava pelo nome. Sir Clarence não usava nome algum, só às vezes a chamava de Ratinha. Henrietta parecia não perceber sua existência. Mas não queria ser visível para nenhum deles. Não gostava deles, embora fosse grata por terem lhe dado uma casa para morar.

Sophia suspirou, com cuidado para não emitir qualquer ruído. Às vezes, ela mesma quase se esquecia do próprio nome não fosse pelo fato de ser uma ratinha apenas na superfície – e talvez nem tanto. Por dentro, não tinha nada de ratinha. Mas ninguém sabia disso, só ela. Era um segredo que gostava de manter para si. A não ser quando se preocupava com o futuro, que se estendia longo e sombrio adiante, sem perspectiva de mudanças – o destino comum às parentas pobres em toda a parte. Às vezes desejava não ter nascido uma dama, assim teria procurado emprego depois da morte do pai. Mas não era considerado apropriado

que uma dama trabalhasse, pelo menos enquanto havia parentes para abrigá-las.

– O visconde de Darleigh, sem dúvida, vai ficar mais do que feliz em se casar com você, Henrietta – disse sir Clarence March. – Não chega a ser um marquês, herdeiro de um ducado como Wrayburn, é verdade, mas é um visconde.

– Papai – lamentou-se Henrietta –, seria intolerável. Além do rosto destruído e dos olhos que não enxergam, só de pensar nisso já fico irritada, soltando fumaça, pois ele é *Vincent Hunt*. Não posso descer a esse nível.

– Ele *foi* Vincent Hunt – lembrou-lhe a mãe. – Agora é o visconde Darleigh, meu amor. A diferença é gigantesca. Ainda me impressiona que o pai dele tenha vivido aqui todos esses anos como mestre-escola, e um mestre-escola não muito próspero, diga-se de passagem, e que jamais tivéssemos suspeitado que ele era o irmão mais novo de um visconde. Poderíamos nunca ter sabido se o visconde e o filho não tivessem feito o favor de morrer e deixar o título para Vincent Hunt. Por que reagiram a um bando de ladrões de estrada em vez de simplesmente entregarem os pertences, nunca compreenderei. Mas é sorte sua que tenham sido mortos. É a oportunidade perfeita, meu amor, e vai permitir que você reerga sua cabeça diante da sociedade.

– Reerguer? Ela nunca precisou abaixar a cabeça – repreendeu sir Clarence abruptamente, franzindo a testa para a mulher. – Aquele maldito Wrayburn! Achou que podia esnobar Henrietta no meio de um salão de baile lotado. Pois bem, ela mostrou a ele!

Sophia não comparecera ao baile em questão. Aliás, nunca comparecera ao baile *nenhum*. Mas tinha estado em Londres e havia juntado as peças do que acreditava ser a história verdadeira sobre Henrietta e o marquês de Wrayburn. Quando Henrietta e tia Martha se aproximaram dele no baile dos Stiles, o marquês lhes dera as costas e fingira não vê-las, fazendo um comentário em voz alta para seu grupo sobre como era quase impossível evitar determinadas mães e suas filhas patéticas.

Depois de permanecer meia hora na sala reservada às damas com a mãe, que precisou recorrer aos saís de cheiro e ao conhaque, Henrietta estava pronta para voltar furtivamente para casa – muitas pessoas haviam ouvido o comentário e, sem dúvida, agora *todos* sabiam o que acontecera – quando teve o infortúnio de deparar com o marquês. Ela ergueu o nariz e perguntou para a mãe se ela sabia a origem do fétido odor. Poderia ter sido um espên-

dido comentário mordaz, mas infelizmente o marquês e sua trupe consideraram a tirada hilariante, e, sem dúvida, em menos de quinze minutos, o resto do salão também a considerou engraçadíssima.

Sophia tinha *quase* sentido pena da prima naquela noite. Na verdade, se Henrietta tivesse lhe contado toda a verdade sobre o incidente – que Sophia descobriu ao ouvir a conversa dos criados – teria realmente nutrido alguma compaixão, pelo menos por algum tempo.

– Vou fazer uma visita à Casa Covington sem demora – disse sir Clarence, levantando-se depois de consultar o relógio de bolso. – Quero ser o primeiro. Aposto que aquele vigário entediante vai aparecer antes do almoço com um de seus discursos e que aquela maluca da Waddell estará lá com seu comitê de recepção.

E o senhor estará lá para oferecer sua filha em casamento, comentou a Ratinha em seus pensamentos.

– Eu o convidarei para jantar – anunciou sir Clarence. – Fale com a cozinheira, Martha. Assegure-se de que ela prepare algo especial hoje à noite.

– Mas o que se deve servir para um homem *cego*? – perguntou a mulher, desconcertada.

– Papai – a voz de Henrietta estava trêmula –, não pode esperar que eu me case com um cego sem rosto. Não pode esperar que eu me case com *Vincent Hunt*. Não depois de todas aquelas brincadeiras de mau gosto que ele sempre pregava no senhor.

– Coisas da criança – disse o pai, fazendo um sinal de desdém com a mão. – Escute, Henrietta, você ganhou de bandeja essa oportunidade maravilhosa. É como se tivéssemos voltado mais cedo de Londres com este objetivo. Vamos recebê-lo hoje à noite e estudá-lo. Afinal de contas, ele não será capaz de perceber o que estamos fazendo, não é?

Sir Clarence pareceu divertir-se com a piada, embora não tivesse rido dela. Ele raramente ria. Era convencido demais da própria importância, concluiu Sophia com malícia.

– Se ele passar pelo exame, você o terá, Henrietta – prosseguiu sir Clarence. – Essa foi sua terceira temporada em Londres, minha garota. A *terceira*. E de algum modo, não por culpa sua, é verdade, perdeu a chance com um barão no primeiro ano, com um conde no segundo e com um marquês este ano. Uma temporada não é algo barato. E você não vai ficar mais jovem. Em breve, se é que ainda não aconteceu, será conhecida como a jovem

que não consegue manter um pretendente quando o encontra. Pois bem, minha garota, vamos mostrar a eles.

Abriu um sorriso para a mulher e para a filha – ignorou a Ratinha –, aparentemente sem perceber o ar arrasado da jovem e a expressão de sofrimento no rosto da esposa.

E lá foi ele fisgar um visconde para Henrietta.

Sophia sentiu pena do visconde Darleigh, mesmo ponderando que talvez não merecesse sua piedade. Afinal de contas, não sabia nada sobre ele, a não ser o que tinha ouvido sobre seu *alter ego*, Vincent Hunt, quando era apenas um menino. Mas ela *sabia* que ele era elegante e independente o bastante para não precisar ser conduzido a toda parte pelos criados.

Pelo menos, a noite prometia ser um pouco menos tediosa do que a vida costumava ser. Teria um visconde para contemplar, mesmo se seu rosto lhe fizesse vomitar ou desmaiar, como Henrietta acreditava. E ela poderia acompanhar os primeiros passos de uma corte. Seria pelo menos divertido.

Ela fugiu depois que sir Clarence partiu. Subiu as escadas correndo, em busca de seu caderno de desenho e do carvão – objetos de grande valor, pois não recebia dinheiro regularmente. Tinha os encontrado na sala de aula abandonada de Henrietta. Seguiria para o bosque atrás da casa, onde ninguém a veria desenhar um homem enorme, tempestuoso, com tórax e bíceps imensos, cabeça minúscula e pernas finas, impondo-se diante de um homenzinho assustado, de olhos vendados, e segurando uma aliança com a mão gorducha, ao lado de duas mulheres, uma robusta e de meia idade, a outra jovem e esbelta. A mulher mais rechonchuda pareceria triunfante, a jovem teria um ar trágico. Como sempre, colocaria um ratinho sorridente no canto inferior direito do desenho.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE MARY BALOGH

OS BEDWYNS

Ligeiramente perigosos

Ligeiramente pecaminosos

Ligeiramente seduzidos

Ligeiramente escandalosos

Ligeiramente maliciosos

Ligeiramente casados

CLUBE DOS SOBREVIVENTES

Uma proposta e nada mais

Um acordo e nada mais

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

